

Senhoras Brasileiras, e immigrá no desprêzo todos aquelles que acham maior prazer no — Almoçreve das Petas — de José Daniel, porque embala-se com a lisongeira esperança de que seus esforços serão apreciados pela gente elegante e litteraria.

— O PODER DA MUSICA.

I.

Sentada a um Piano a bella Henrietta fazia correr os seus delicados dedos pelo teclado de marfim, e ebano, e uma harmonia doce, e melancolica arrebatava os sentidos das duas pessoas que a ouviam; uma dellas era a sua querida Mâi, e a outra o seu amante, Deliciosa Companhia!

Henrietta tinha recebido de Deos uma alma pura como a dos Anjos, e sua belleza era tão perfeita como a sua alma. Quem poderia vêr seus ternos olhos azues sem se confessar vencido! Se a mesma insensibilidade visse as suas faces de rosas, os seus bellos cabellos castanhos descendo em largas tranças pelas suas faces, o seu corpo gentil, e flexivel, cahiria a seus pés, e diria: Henrietta, a Insensibilidade se curva, e te pede mercê!... Como era suave a sua voz! como seus olhos imploravam amor! oh! ella era bella!

Eneostado sobre a cadeira na qual Henrietta estava sentada, um Manecbo contemplava com a admiração, e poesia das almas amantes, tantas perfeições reunidas, e seu coração batia de prazer quando se lembrava, que Henrietta seria a companheira de sua vida; e então elle se figurava um porvir de rosas. Carlos amava Henrietta, e era d'ella amado; suas prendas pessoaes, sua posição brillante no mundo, sua intimidade com a familia de Henrietta, fizeram com que esta o

distinguisse de todos os seus adoradores, e confessasse que nenhum outro seria senhor de sua mão.

De todos os sentimentos exaltados de Carlos, só um inquietava Henrietta, e este era o excessivo ciúme, que elle tinha. Ainda que este sentimento era uma homenagem que elle rendia ás suas perfeições, contudo ella não o podia supportar por conhacer o amor que elle lhe tinha.

— Henrietta, diz Carlos inclinando-se sobre a sua amante, eu te peço, canta aquella bella modinha que tu cantas tão bem? tu sabes, a minha favorita.

— Eu vou satisfazer o teu desejo, responde Henrietta com a sua voz meiga.

Depois de alguns accordes habilmente ligados, principiou a cantar. A sua voz melodiosa e pura, fazia penetrar n'alma um sentimento sem nome, um prazer como devem experimentar os bemaventurados ouvindo no Céo o Chôro dos Anjos. Ella era qual Sabiá, que de entre os ramos de uma florida laranjeira, solta aos ares os seus melodiosos tons.

Henrietta acabou de cantar, e seu amante ficou mudo por alguns instantes; elle tinha-se esquecido do mundo; e mesmo de sua amante! Sublime poder da harmonia!!

— Henrietta, quanto eu te amo! exclama sahindo do extasi em que estava.

A Mâi de Henrietta surriu-se, por vêr o amor que ligava sua filha á pessoa de quem ella esperava a sua felicidade. A noute chegou, e foi forçoso a Carlos deixar a sua amante, pois esta morava em uma chacara no Engenho-Velho, e elle na Cidade, e as desordens politicas que assolavam a nossa bella Patria, faziam com que os caminhos fossem pouco seguros durante a noute.

Depois de se despedir mil vezes, monta a cavallo e parte, e já estava em meio-caminho quando se lembrou que tinha esquecido as luvas. Foi bastante este pretexto ainda que insignificante para elle voltar.

Chega á porta da habitação de Henrietta, desmonta, e sobe vagarosamente para surprehende-la; mas qual é o seu espanto ouvindo estas palavras dictas com accento apaixonado:—Amavel Henrietta, tudo eu vos devo; tudo! até a minha propria existencia! Ah! o que seria feito de mim, se não fosse a vossa bondade, e a vossa piedade! Oh! sim! meu Anjo libertador, em quanto o sangue correr nas minhas veias, terceis no mundo um defensor.

O negro e frenetico ciüme lançou no coração de Carlos todo o seu fel; e elle entrando impetuosamente na salla vê um bello mancebo ajoelhado aos pés de Henrietta, beijando com ardor as suas mãos!

Henrietta deu um grito; o mancebo levantou-se rapidamente, e tirou um punhal do seio, e Carlos parou, e ficou immovel como uma estatua de marmore.

— Henrietta! exclama Carlos sahindo do intorpecimento em que lhe tinha lançado este não esperado acontecimento: Henrietta! tu és uma infiel, tu me trahiste! tu és uma infame! sim! uma infame! ainda não ha uma hora que tu me dizias: Carlos, eu serei tua até a morte!.. tu mentiste!.. tu zombayas de mim!.. não é assim?.. responde?.. ah! tu choras!.. tuas lagrimas são mentiroas como a tua voz!.. E tu que fazes aqui? continua Carlos voltando-se para o mancebo: Ah! tu vieste roubar-me o meu bem, pois rouba-me também a vida!.. Uma espada! uma espada, eu quero vingar-me d'este seductor!!

— Vós deliraes, Senhor! dizia o mancebo procurando reter Carlos no seu arrebatamento.

— Carlos! Carlos! eu estou innocente! dizia Henrietta chegando-se para elle, e toda banhada em pranto; ouveme primeiro, e depois me julgarás!

— Não! não! eu não te quero ouvir! queres-me enganar de novo!.. deixa-me! deixa-me! eu já te aborreço!.. Adeos, nunca mais me tornarás a vêr!.. Adeos Henrietta, sê feliz com o teu novo amante!..

Carlos sahe arrebatadamente, e Henrietta cahe desmaiada nos braços do mancebo.

## II.

Quatro dias antes do acontecimento que acabámos de relatar no Capitulo antecedente, Henrietta passeava no seu jardim colhendo rosas, e perseguinto as borboletas, quando repentinamente de entre as folhas de um copado arbusto sahiu um mancebo e se lançou a seus pés: ella atemorizada com esta aparição dá um grito e quer fugir; porém o mancebo retendo-a pelo vestido, diz com voz supplicante:

— Por piedade, ouvi-me! ah! eu não vos quero offendere! Se vós fôrdes humana como sois bella, já eu tenho achado abrigo! Senhora! protegei-me, livrai-me de meus perseguidores!

— Quem sois vós? pergunta Henrietta ainda timorata.

— Eu sou um desgraçado proscripto! Eu fui um daquelles, que cançados com a oppressão que o Governo Portuguez fazia pezar sobre nós, soltaram o grito da Independencia do Brasil. Eu fui perseguido, e procurei na fuga, livrando-me de meus inimigos. Vós podeis socorrer-me; occultai-me na vossa casa por alguns dias até que eu possa atravessar os mares, e apartar-me assim de meus perseguidores.

Henrietta ficou por alguns instantes indecisa; porém a sua bondade prevaleceu.

— Levantai-vos, diz ella: Vós sois desgraçado! este titulo basta para que eu vos proteja. Vinde comigo, eu vou apresentar-vos a minha Mãe, ella também dará abrigo ao Brasileiro Proscrito.

— Vós sois um Anjo, responde o mancebo com a maior exaltação.

Este mancebo achou um tecto hospitaleiro na casa de Henrietta, e depois de ter estado ali oculto quatro dias, despedia-se de sua bemfeitora, quando Carlos entrando sem ser esperado, o surprehende no acto de sua despedida, interpreta mal os sentimentos de Henrietta, e com a desesperação n'alma, parte sem querer ouvi-la. Quantas vezes as melhores ações da nossa vida são mal recompensadas! Porém Deos nos julga com justiça, e então desprezamos o juízo dos homens.

Um anno inteiro esteve Carlos em França, procurando esquecer-se de Henrietta, no meio dos prazeres; porém debalde, a sua imaginação o trazia sempre para sua Patria.

Quando elle ia ao Theatro, e ouvia as mais celebres cantoras e em quanto o povo as aplaudia, lagrimas de saudades lhe saltavam dos olhos. Elle se lembrava da voz doce, e suave de Henrietta, e se achava isolado no meio dos homens.

Não podendo suportar por mais tempo as angustias de seu coração, elle partiu para o Brasil.

E Henrietta?

Ah! ella foi bem desgraçada! Ella viu desvanecer-se em um instante o sonho da sua vida. Como todas as pessoas sensíveis ella se tinha entregue ao amor que lhe inspirou Carlos, e seu amor era a sua existencia. Em um momento

ella perdeu toda a esperança, e uma resignação melancólica, consequencia de seu caracter, apoderou-se della.

Uma noite a Lua brilhava no firmamento, uma briza aromatica embalsamava os ares, e a agitação das folhas causava um triste murmúrio. Henrietta, encostada sobre uma janella, admirava esta bella seena. Pouco a pouco seus olhos se arrasaram de lagrimas, e entre soluções ella proferiu estas palavras:

— Ingrato! assim pagaste o meu amor! Ah! tu não me conhecas bem, pois me julgaste capaz de trahir-te! Eu trahir-te?! oh! não! Meu Deos! faze com que elle volte, eu irei lançar-me a seus pés, e lhe direi: Carlos, eu vos amo! eu sempre vos amei! eu sou inocente; as apparencias me crimam, porém ouvi-me, eu quero justificar-me! Tu, sim! tu não me amas! Mas eu!!! ah!!!! As lagrimas corriam pelas suas faces. Depois de ter chorado algum tempo silenciosamente, assentou-se a seu piano.

Em quanto Henrietta lastimava a sua sorte, um mancebo entrava furtivamente pela porta do jardim. Este mancebo era Carlos. Elle tinha voltado de França, e vinha mitigar as suas saudades, olhando para o tecto que abrigava a sua amada:—elle não se animava a aparecerem presençade della.

Com precaução caminhava para junto de uma janella, quando o som do piano o faz parar repentinamente, e depois de um triste prelúdio, ouviu distintamente esta modinha cantada por Henrietta :

Se os meus suspiros podessem  
A teus ouvidos chegar  
Virias que uma saudade  
É bem capaz de matar.

O coração de Carlos parecia querer saltar fóra de seu peito; uma sensação

doce, e triste ao mesmo tempo se apoderou delle: a musica d'esta modinha, que era a sua favorita, lhe fez lembrar os deliciosos momentos passados junto de Henrietta; esta voz tão conhecida vibrou em seu coração. Carlos estende os braços, e quer exclamar: Henrietta?! porém a sua voz emudece; e ella continua a cantar:

Não é do zelo o meu queixume,  
Nem do cinme abrazador;  
É da saudade que me atormenta,  
Quando se ausenta o meu amor.

A voz de Henrietta no fim da modinha era fraca e entrecortada, os soluços não a deixaram acabar.

Carlos por um movimento involuntário salta pela janella e vem cahir de joelhos aos pés de Henrietta.

— Henrietta! Henrietta! perdião!!

— Carlos!!... Ella quiz levantar-se, porém as forças lhe faltaram, e caiu outra vez assentada, branca como o alabastro.

— Henrietta! continua Carlos beijando-lhe as mãos; eu não posso viver sem ti! oh não! isso me é impossível!! Dizei! dizei que ainda me amais! eu serei feliz!

— Eu sempre te amei! Ingrato!

— Eu?!.. tu sempre me amaste!... É isto possivel meu Deos! serei ainda feliz!... repete, repete o que disseste!.. mas não! tu me engamas; eu vi que elle beijava as mãos, eu ouvi as suas expressões apaixonadas! oh! Meu Deos! e eu não morri!

— Carlos, eu cumpria um dever de humanidade, eu salvava um Proscripto das garras de seus perseguidores; por ser humana tu me desprezaste! ouve a minha confissão?! Henrietta conta a Carlos a historia do mancebo, e elle conhecendo a sua injustiça, com o prazer no coração, e as lagrimas nos olhos, faz novos protestos de amor.

Eu juro, diz elle; eu juro pelo Creador do Universo, de te amar até o meu ultimo momento! Eu juro pelos teus bellos olhos de nunca mais desconfiar de meu amor.

— Carlos!!!....

— Henrietta!!!....

Os dous amantes lancão-se nos braços um do outro, e esqueceram em um instante tantos dias de dor.

Um mez depois, Carlos uniu-se à bella Henrietta, e um terno e sincero amor acompanhou sempre estes dous esposos por toda a sua vida.

L. C. M. PENNA

### UMA INSPIRAÇÃO DO INFERNO //

#### I.

Une vengeance terrible, jeune homme!

D'ARLEQUIN-SAT, Israele.

Corria tranquillo o anno de 1834; e Adolpho, joven negociante da cidade de S. Paulo só experimentava prazeres e gosos ineffáveis na companhia da bela e encantadora Emilia.

Formai um retrato de uma joven na vossa imaginação; ondeiae-lhe os cabellos, tão pretos como o ebano, ali-sai-lhe uma testa gentil, ainda não batida pelo ouragão da desventura, rasgai-lhe uns olhos vivos que só fallam a entusiasta linguagem do coração, torneai-lhe um peseço em que só brincam as graças, abri-lhe uma pequena boquinha, tão mimosa com um botão da rosa da primavera, imprimi-lhe um porte graciozo, como o de Venus. — Pois bem; novo Prometheu, ide roubar o fogo do Céo, animae esse retrato, e dai-lhe palavras puras como os primitivos hymnos da infancia, inspirai-lhe pensamentos ardentes como um primeiro amor, e lançai-lhe no coração a bondade de um anjo.